



SECRETARIA GENERALIS
SYNODI

“Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2)

Documento de trabalho para a Etapa Continental



Cidade do Vaticano, 24 de outubro de 2022

Introdução

1. A experiência do processo sinodal

- 1.1 “Os frutos, as sementes e as ervas daninhas da sinodalidade”
- 1.2 A comum dignidade batismal

2. Escutando as Escrituras

3. Em direção a uma Igreja sinodal missionária

- 3.1 Uma escuta que se faz acolhimento
- 3.2 Irmãs e irmãos para a missão
- 3.3 Comunhão, participação e corresponsabilidade
- 3.4 A sinodalidade toma forma
- 3.5 Vida sinodal e liturgia

4. Os próximos passos

- 4.1 Um caminho de conversão e reforma
- 4.2 Metodologia para a Etapa Continental

Introdução

1. O Sínodo segue em frente: podemos afirmá-lo com entusiasmo a um ano da sua abertura. Ao longo desta primeira parte da fase consultiva, milhões de pessoas em todo o mundo foram implicadas nas atividades do Sínodo: umas participando em encontros a nível local, outras colaborando na animação e coordenação das atividades aos diversos níveis e outras oferecendo o apoio da própria oração. *“Expressamos também a nossa gratidão às religiosas de vida contemplativa, que acompanharam o seu povo com a oração e continuam a rezar pelos frutos do Sínodo”* (CE Peru). Os verdadeiros protagonistas do Sínodo são todas estas pessoas que participaram!

2. Puseram-se em movimento dinamizadas pelo desejo de ajudar a encontrar a resposta à interrogação de fundo que guia todo o processo: *“Como se realiza hoje, aos diversos níveis, tanto local como universal, aquele «caminhar juntos» que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada? E que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?”* (Documento Preparatório, n. 2).

3. Ao longo do caminho experimentaram a alegria de se encontrarem como irmãos e irmãs em Cristo, partilhando quanto a escuta da Palavra fazia ecoar dentro deles e interrogando-se sobre o futuro da Igreja a partir da base dos estímulos do Documento Preparatório (DP). Isto alimentou neles o desejo de uma Igreja sempre mais sinodal: a sinodalidade deixou de ser para eles um conceito abstrato e tomou o rosto de uma experiência concreta; provaram-lhe o gosto e querem continuar a fazê-lo: *«A través deste processo descobrimos que a sinodalidade é um modo de ser Igreja; ou melhor, é o modo”*. *“O Espírito Santo está a pedir-nos para sermos mais sinodais”*» (CE Inglaterra e Gales).

4. A sua experiência traduziu-se em palavras, nos contributos que as diversas comunidades e grupos enviaram às Dioceses, que sintetizaram e enviaram às Conferências Episcopais. Por sua vez, a partir das pistas contidas no DP, estas redigiram uma síntese que foi enviada à Secretaria Geral do Sínodo.

5. A participação a nível global foi superior a todas as expectativas. À Secretaria do Sínodo chegaram as sínteses de 112 das 114 Conferências Episcopais e de todas as 15 Igrejas Orientais Católicas, às quais se juntam as reflexões de 17 dos 23 dicastérios da Cúria Romana, além das que vieram dos

Superiores Religiosos (USG/UISG), dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, de Associações e Movimentos de fiéis leigos. Além disso, chegaram mais de mil contributos de pessoas singulares e de grupos, além de sugestões recolhidas nas redes sociais, graças à iniciativa do “Sínodo digital”. Estes materiais foram distribuídos a um grupo de peritos: homens e mulheres, bispos, sacerdotes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, provenientes de todos os continentes e com competências disciplinares muito variadas. Depois da sua leitura, estes peritos reuniram-se durante duas semanas com o grupo de redação, composto pelo Relator Geral, pelo Secretário Geral do Sínodo, pelos Subsecretários e por alguns oficiais da Secretaria do Sínodo, assim como os membros do Comité de Coordenação, aos quais se juntaram por fim os membros do Conselho. Em conjunto trabalharam num clima de oração e discernimento para partilhar os frutos da sua leitura com vista da elaboração deste Documento para a Etapa Continental (DEC).

6. As citações que o vão marcando dão uma ideia da riqueza dos materiais recebidos, permitindo fazer ecoar a voz do Povo de Deus de todas as partes do mundo. Não devem ser interpretadas como um apoio às posições de uma determinada zona do globo, nem como uma simples representação da variedade geográfica, embora se tenha procurado garantir um certo equilíbrio em termos de proveniência das fontes. Essas citações foram escolhidas sobretudo porque exprimem de modo particularmente forte, feliz ou exato um modo de sentir que aparece em muitas sínteses. É claro, contudo, que nenhum documento poderia condensar a profundidade da fé, a vitalidade da esperança e a energia da caridade que transbordam dos contributos recebidos. Por detrás destes, entrevê-se o poder e a riqueza da experiência que as diversas Igrejas realizaram, pondo-se a caminho e abrindo-se à diversidade das vozes que tomaram a palavra. O sentido do caminho sinodal é permitir este encontro e este diálogo, cuja finalidade não é produzir documentos, mas abrir horizontes de esperança para o cumprimento da missão da Igreja.

7. É dentro deste caminho, de modo algum concluído, que este DEC se coloca e encontra o seu sentido. Tendo em vista a Etapa Continental do caminho sinodal, reúne à volta de alguns núcleos as esperanças e preocupações do Povo de Deus disperso por toda a terra. Deste modo, oferece às Igrejas locais a oportunidade de escutar a voz de umas e de outras, em vista das Assembleias

Continental de 2023, às quais compete elaborar uma lista de prioridades, sobre as quais discernirá a Primeira Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que decorrerá de 4 a 29 de outubro de 2023.

8. Esclarecer a sua função permite também iluminar o que não é o DEC: não se trata de um documento conclusivo, porque o processo está longe de estar terminado; não é um documento do Magistério da Igreja, nem o relatório de um inquérito sociológico; não oferece a formulação de indicações operativas, de metas e objetivos, nem a completa elaboração de uma visão teológica, embora nele abunde o tesouro ricamente teológico contido na narração da experiência da escuta da voz do Espírito por parte do Povo de Deus, permitindo fazer emergir o seu *sensus fidei*. Mas trata-se de um documento teológico também no sentido de estar orientado ao serviço da missão da Igreja: anunciar Cristo morto e ressuscitado para a salvação do mundo.

9. Para evitar equívocos na sua leitura é fundamental ter presente a natureza peculiar do DEC, além da sua estrutura. O Documento inicia com um capítulo que oferece não uma simples crónica, mas uma narração, à luz da fé, da experiência de sinodalidade vivida até aqui, com a consulta ao Povo de Deus nas Igrejas locais e o discernimento dos Pastores nas Conferências Episcopais: traça-se um perfil, apresentam-se as dificuldades encontradas e os frutos mais significativos recolhidos, identificando as marcas do que constitui uma autêntica experiência coletiva da fé cristã. Deste modo, não apresenta uma definição de sinodalidade em sentido estrito – por isso é possível fazer referência ao DP e aos materiais indicados no *site* do Sínodo (www.synod.va) – mas exprime o sentido partilhado da experiência de sinodalidade vivida por aqueles que participaram. Daqui emerge uma profunda reapropriação da comum dignidade de todos os batizados, autêntico pilar de uma Igreja sinodal e fundamento teológico da unidade capaz de resistir à pressão da homogeneização para continuar a valorizar a diversidade de vocações e carismas que o Espírito Santo derrama sobre os fiéis com abundância imprevisível.

10. O segundo capítulo apresenta um ícone bíblico – a imagem da tenda com que se abre o capítulo 54 do livro de Isaías – que oferece uma chave para uma interpretação dos conteúdos do DEC à luz da Palavra, inserindo-os no âmbito de uma promessa de Deus que passa a ser uma vocação para o seu Povo e a sua Igreja: “Alarga o espaço da tua tenda!”.

11. Esta tenda é um espaço de *comunhão*, um lugar de *participação* e uma base para a *missão*: compete ao terceiro capítulo articular as palavras chave do caminho sinodal com os frutos da escuta do Povo de Deus. Fá-lo sintetizando em cinco tensões generativas que se entrecruzam umas com as outras:

- 1) A escuta como abertura ao acolhimento a partir do desejo de inclusão radical – ninguém excluído! –, a ser entendido numa perspetiva de comunhão com as irmãs, os irmãos e o Pai comum. A escuta aparece aqui não como uma ação instrumental, mas como o assumir uma atitude fundamental de um Deus que escuta o seu povo e o seguimento de um Senhor que os Evangelhos apresentam constantemente na escuta das pessoas que vão ao seu encontro ao longo das estradas da Terra Santa; neste sentido, a escuta é já missão e anúncio.
- 2) O impulso para a saída em missão. Trata-se de uma missão que os católicos reconhecem dever levar por diante com os irmãos e as irmãs de outras confissões e em diálogo com os crentes de outras religiões, transformando as ações humanas de cuidado em experiências autenticamente espirituais, que anunciam o rosto de um Deus que se desvela a cuidar até dar a própria vida para que nós tenhamos vida em abundância;
- 3) O compromisso de levar por diante a missão exige assumir um estilo baseado sobre a participação, que corresponde à completa assunção da corresponsabilidade de todos os batizados pela única missão da Igreja, derivada da comum dignidade batismal;
- 4) A construção de possibilidades concretas de vida em comum, de participação e missão, através de estruturas e instituições habitadas por pessoas adequadamente formadas e sustentadas por uma viva espiritualidade;
- 5) A liturgia, particularmente a eucarística, fonte e cume da vida cristã, que reúne a comunidade, tornando tangível a comunhão, permite o exercício da participação e nutre com a Palavra e os Sacramentos o impulso para a missão.

12. Por fim, o quarto capítulo lança um olhar sobre o futuro recorrendo a dois registos, ambos indispensáveis para seguir ao longo do caminho: o espiritual

que indica o horizonte da conversão missionária sinodal, e o da metodologia para os próximos passos da Etapa Continental.

13. O DEC só será compreensível e útil se for lido com os olhos do discípulo, que o reconhece como o testemunho de um percurso de conversão para uma Igreja sinodal, que aprende da escuta o modo como renovar a própria missão evangelizadora à luz dos sinais dos tempos, para continuar a oferecer à humanidade um modo de ser e de viver em que todos se possam sentir incluídos e protagonistas. Ao longo deste caminho, a candeia para os nossos passos é a Palavra de Deus, que oferece a luz com que reler, interpretar e exprimir a experiência que se viveu.

14. Oremos juntos:

Senhor, reuniste todo o teu Povo em Sínodo.

*Damos-te graças pela alegria experimentada
por aqueles que decidiram pôr-se a caminho
na escuta de Deus e de seus irmãos e irmãs, durante o presente ano,
com uma atitude de acolhimento, humildade, hospitalidade e fraternidade.*

Ajuda-nos a entrar nestas páginas como em “terra sagrada”.

Vem Espírito Santo: sê tu o guia do nosso caminhar juntos!

1. A experiência do processo sinodal

15. As sínteses enviadas das Igrejas de todo o mundo dão voz às alegrias, às esperanças, aos sofrimentos e às feridas dos discípulos de Cristo. Nas suas palavras sentimos ecoar quanto vai no coração de toda a humanidade. Expressam o desejo de uma Igreja que caminha com Cristo sob a guia do Espírito, para desempenhar a própria missão de evangelização. *“A experiência «sinodal» em ato despertou nos fiéis leigos a ideia e o desejo de se empenharem na vida da Igreja, no seu compromisso no mundo contemporâneo e na sua ação pastoral concreta”* (CE Canadá).

1.1 “Os frutos, as sementes e as ervas daninhas da sinodalidade”

16. A primeira etapa do processo sinodal produziu frutos abundantes, sementes novas que prometem um novo crescimento e, sobretudo, suscitou uma experiência de alegria numa estação complicada: *“o que emerge do exame dos frutos, das sementes e das ervas daninhas da sinodalidade são vozes de grande amor pela Igreja, vozes que sonham uma Igreja capaz de um testemunho credível, uma Igreja que saiba ser uma Família de Deus inclusiva, aberta e acolhedora”* (CE Zimbábue). Haiti dá voz a muitos: *“apesar de se verificarem continuamente casos de rapto e violência, as sínteses diocesanas exprimem a alegria daqueles que puderam participar ativamente nesta primeira fase do Sínodo”* (CE Haiti). Esta vivência na primeira fase é uma alegria que muitos pediram para alargar e partilhar com outros. Disto faz eco a Diocese de Ebibeyín (Guiné Equatorial): *“esta experiência sinodal foi uma das mais gratificantes que muitos puderam viver na sua vida cristã. Desde o primeiro momento em que iniciaram os trabalhos do Sínodo até ao ponto em que estamos agora, há um grande entusiasmo entre o Povo de Deus”*. Entre os frutos da experiência sinodal, diversas sínteses põem em evidência o reforço do sentimento de pertença à Igreja e a tomada de consciência a nível prático de que a Igreja não são só os sacerdotes e os bispos: *“Partilhando a pergunta fundamental: «como se desenrola hoje este caminho em conjunto na tua Igreja particular?» Foi notado que as pessoas puderam tomar consciência da verdadeira natureza da Igreja e, nesta luz, puderam ver a situação da sua Igreja particular”* (CE Bangladesh).

17. Um apreço geral recebeu o método da conversação espiritual, que permitiu a muitos olhar com honestidade a realidade da vida da Igreja e de chamar pelo nome as luzes e as sombras. Esta justa avaliação trouxe imediatamente frutos missionários: *“Constata-se uma forte mobilização do Povo de Deus, a alegria de nos encontrarmos, de caminhar juntos e de falar livremente. Alguns cristãos que se tinham sentido feridos e se tinham afastado da Igreja regressaram por ocasião desta fase de consulta”* (CE República Centro Africana). Muitos sublinharam que foi a primeira vez em que a Igreja pediu o seu parecer e desejam continuar neste caminho: *“As reuniões no espírito do método sinodal, em que todos os membros da congregação ou da comunidade podem exprimir aberta e honestamente a sua opinião, e também os encontros com vários grupos externos à Igreja, deveriam continuar. Este tipo de cooperação deveria tornar-se uma das «leis não escritas» da cultura da Igreja, de modo a favorecer a aproximação entre os membros da Igreja e os grupos da sociedade, criando assim a disponibilidade das pessoas a um diálogo mais profundo”* (CE Letónia).

18. Não faltaram, contudo, dificuldades, que as sínteses não escondem. Algumas estão ligadas à coincidência da fase da consulta com a pandemia, outras derivam da dificuldade de compreender o que significa sinodalidade, devido à necessidade de um maior esforço de tradução e inculturação dos materiais, da falta de organização dos encontros sinodais nalguns contextos locais ou da resistência perante o que se propõe. Não faltam expressões de rejeição muito claras: *“Não confio no Sínodo. Penso que tenha sido convocado para introduzir ulteriores mudanças nos ensinamentos de Cristo e infligir outras feridas à sua Igreja”* (observações individuais do Reino Unido). Com bastante frequência foi expresso o medo que a ênfase sobre a sinodalidade possa fazer pressão para a adoção no interior da Igreja de mecanismos e procedimentos impregnados do princípio da maioria de tipo democrático. Entre as dificuldades vem assinalado também o ceticismo sobre a real eficácia ou intenção do processo sinodal: *“Alguns expressaram dúvidas sobre o êxito do processo sinodal por causa da perceção da Igreja como uma instituição rígida que não quer mudar e modernizar-se, ou por causa da suspeita que o êxito do Sínodo tenha sido predeterminado”* (CE Canadá).

19. Numerosas sínteses mencionam os medos e as resistências da parte do clero, mas também a passividade dos leigos, o seu temor a exprimir-se livremente e o cansaço de articular o papel dos pastores com a dinâmica sinodal: *“Neste*

processo houve também resistências, falta de participação, comunidades que não se envolveram. Isto é devido em parte às novidades do desafio, dado que muitas comunidades não estão habituadas a este modo de viver a Igreja. Mas também é causado pelo facto de que alguns responsáveis e pastores não assumiram o papel de animação e guia que lhes competia. Várias sínteses diocesanas lamentam a falta ou o débil envolvimento dos sacerdotes” (CE Chile). Em muitos casos, o processo sinodal e os materiais recebidos revelam que se difundiu a percepção de uma separação entre os presbíteros e o resto do Povo de Deus: “As consultas nas dioceses e a nível nacional mostraram que a relação entre os sacerdotes e os fiéis é difícil em muitos lugares. Por um lado, critica-se a distância que se nota entre clero e leigos, por outro lado nalguns lugares os sacerdotes são mesmo considerados como um obstáculo a uma comunidade frutífera. Ao mesmo tempo, indicam-se os desafios para os sacerdotes: a diminuição do seu número e dos voluntários levam à exaustão; além disso, os sacerdotes nem sempre se sentem ouvidos, alguns veem o seu ministério posto em discussão. O que faz um bom sacerdote? Como a vida paroquial pode ser uma experiência enriquecedora para todos os que estão envolvidos? Porque é que sempre menos homens sentem vocação? Estas perguntas devem ser discutidas” (CE Áustria).

20. Um obstáculo particularmente relevante na via do caminhar juntos é representado pelo escândalo dos abusos cometidos por membros do clero ou de pessoas que desempenham um cargo eclesial: em primeiro lugar e sobretudo os abusos sobre menores e pessoas vulneráveis, mas também os de outro género (espirituais, sexuais, económicos, de autoridade, de consciência). Trata-se de uma ferida aberta, que continua a infligir dor às vítimas e aos sobreviventes, às suas famílias e comunidades: *“Fez-se contínua referência ao impacto à crise dos abusos sexuais do clero [...]. Para muitos, as consequências são ainda uma questão espinhosa e não resolvida. Foi notada a forte urgência de reconhecer o horror e o mal causado e de aumentar esforços para tutelar as pessoas vulneráveis, reparar o dano causado à autoridade moral da Igreja e reconstruir a confiança. Algumas dioceses referiram que os participantes desejavam que reconhecessem e se emendassem os abusos do passado” (CE Austrália).* Uma atenta e dolorosa reflexão sobre a herança dos abusos levou muitos grupos sinodais a pedir uma mudança cultural da Igreja, com vista a uma maior transparência, responsabilidade e corresponsabilidade.

21. Por fim, em demasiados países o caminho sinodal cruzou-se com guerras que ensanguentam o nosso mundo, “*dando livre desafogo a fanatismos de toda a espécie e a perseguições, e até mesmo a massacres. Foram notadas formas de incitamento sectário e étnico que degeneraram em conflitos armados e políticos, frequentemente sangrentos*” (Igreja Maronita). Particularmente dolorosas são as situações em que os cristãos, também católicos, vivem em países que estão em guerra entre si. Também nestas situações de fragilidade, que tornam mais intenso o encontro com o Senhor crucificado e ressuscitado, as comunidades cristãs souberam acolher o convite que lhes foi dirigido para organizar experiências de sinodalidade e refletir sobre o que significa caminhar juntos, exprimindo o desejo de continuar a fazê-lo: “*Em relação à tragédia do genocídio contra os tutsis, que tanto dividiu o povo ruandês, dever-se-ia aprofundar melhor o tema da comunhão em vista de uma autêntica cura da memória coletiva. Este Sínodo permitiu-nos compreender melhor que a pastoral da unidade e da reconciliação deve continuar a representar uma prioridade*” (CE Ruanda).

1.2 A comum dignidade batismal

22. As práticas de sinodalidade vividas constituíram “*um momento crucial e precioso para cairmos na conta de como todos nós, pelo Batismo, partilhamos a comum dignidade e vocação de participar na vida da Igreja*” (CE Etiópia). Esta referência fundante ao Batismo – em termos não abstratos, mas como uma identidade efetivamente compreendida – põe logo em evidência o laço entre a forma sinodal da Igreja e a possibilidade de realizar a sua missão: “*Aconteceu uma crescente consciência da importância de que caminhem juntos aqueles que receberam a graça do Batismo, partilhando e discernindo aquilo a que os chama a voz do Espírito. Deu-se uma profunda tomada de consciência do facto que caminhar juntos numa Igreja sinodal é o modo de tornar a Igreja missionária*” (CE Japão). Muitas Igrejas locais, que se encontram em contextos que veem a presença de numerosas denominações cristãs, sublinham a comum dignidade batismal de todos os cristãos e a comum missão ao serviço do Evangelho: um processo sinodal não é completo sem encontrar as irmãs e os irmãos de outras confissões, partilhar e dialogar com eles e comprometer-se em ações comuns. As sínteses exprimem o desejo de um mais profundo diálogo ecuménico e a necessidade de formação a este respeito.

23. As sínteses apresentam o processo sinodal como uma experiência de novidade e frescura: *“O Povo de Deus sublinhou o caráter excepcional da experiência de exprimir-se livremente em momentos de encontro expressamente preparados, sem condições de agenda e com uma atenção específica para seguir a inspiração do Espírito Santo. As pessoas recordaram como foi a primeira vez que lhes era pedido para falar, apesar de frequentarem a Igreja desde há decénios”* (CE Paquistão). Uma outra imagem faz referência a uma experiência de libertação e vida nova: a casca do ovo que se parte para deixar que uma nova existência estenda as asas.

24. Noutras sínteses aparecem expressões que evocam sobretudo a ideia de um afastamento entre membros da mesma família e de um regresso desejado, o fim de uma perda coletiva da própria identidade de Igreja sinodal. Recorrendo a uma imagem bíblica, poder-se-ia dizer que o caminho sinodal deu os primeiros passos do regresso de um exílio, cujas consequências dizem respeito a todo o Povo de Deus: se a Igreja não é sinodal, ninguém pode sentir-se em casa.

2. Escutando as Escrituras

25. É a um povo que vive a experiência do exílio que o profeta dirige palavras que hoje nos ajudam a pôr em foco aquilo a que o Senhor nos está a chamar através da experiência de uma sinodalidade vivida: *“Alarga o espaço da tua tenda, estende sem medo as lonas que te abrigam, e estica as tuas cordas, fixa bem as tuas estacas”* (Is 42,2).

26. A palavra do profeta recorda ao povo no exílio a experiência do êxodo e da travessia do deserto, quando habitava nas tendas, e anuncia a promessa do regresso à terra, sinal de alegria e esperança. Para se preparar, é necessário alargar a tenda, agindo sobre três elementos da sua estrutura. O primeiro são as lonas, que protegem do sol, do vento e da chuva, delineando um espaço de vida e de convivência. É preciso estendê-las, de modo que possam proteger também aqueles que ainda se encontram fora deste espaço, mas que se sentem chamados a entrar. O segundo elemento estrutural da tenda são as cordas, que mantêm juntas as lonas. Devem equilibrar a tensão necessária para evitar que a tenda se debilite com a frouxidão que enfraquece com os movimentos provocados pelo vento. Por isso, se a tenda se alarga, devem aumentar-se para manter a justa tensão. Por fim, o terceiro elemento são as estacas que fixam a estrutura ao solo e asseguram a solidez, mas permanecem capazes de serem movidas quando se deve armar a tenda noutra lugar.

27. Ouvi hoje estas palavra de Isaías que nos convidam a imaginar a Igreja como uma tenda, ou melhor, como a tenda da reunião, que acompanhava o povo durante o caminho no deserto: é, portanto, chamada a alargar-se, mas também a deslocar-se. No seu centro está o tabernáculo, ou seja, a presença do Senhor. A resistência da tenda é assegurada pela robustez das suas estacas, ou seja, os fundamentos da fé que não mudam, mas podem ser deslocados e colocados em terrenos sempre novos, de modo que a tenda possa acompanhar o povo que caminha na história. Por fim, para não afrouxar, a estrutura da tenda deve manter em equilíbrio as diversas pressões e tensões a que é submetida: uma metáfora que exprime a necessidade do discernimento. É assim que muitas sínteses imaginam a Igreja: uma morada ampla, mas não homogénea, capaz de dar abrigo a todos, mas aberta, que deixa entrar e sair (cf. Jo 10,9), e em movimento para o abraço com o Pai e com todos os outros membros da humanidade.

28. Alargar a tenda exige acolher outros no seu interior, dando espaço à sua diversidade. Requer, portanto, a disponibilidade para morrer a si mesmos por amor, reencontrando-se na e pela relação com Cristo e com o próximo: *“Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto”* (Jo 12,24). A fecundidade da Igreja depende da aceitação desta morte, que não é uma aniquilação, mas uma experiência de esvaziamento de si para deixar-se encher de Cristo pelo Espírito Santo e, portanto, um processo através do qual recebemos o dom de relações mais ricas e laços mais profundos com Deus e com os outros. É esta a experiência da graça e da transfiguração. Por esta razão o apóstolo Paulo recomenda: *“Tende entre vós os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus. Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo”* (Fl 2,5-7). É nesta condição que os membros da Igreja, individualmente e todos em conjunto, se tornarão capazes de cooperar com o Espírito Santo para cumprir a missão dada por Jesus Cristo à sua Igreja: é um ato litúrgico, eucarístico.

3. Em direção a uma Igreja sinodal missionária

29. A imagem bíblica da tenda cruza-se com outras que aparecem em numerosas sínteses: a da família e a da casa, como lugar ao qual as pessoas desejam pertencer e ao qual querem regressar. *“A Igreja-casa não tem portas que se fecham, mas um perímetro que se alarga continuamente”* (CE Itália). A dinâmica da casa e do exílio, da pertença e da exclusão é mencionada na síntese como uma tensão: *“Aqueles que se sentem em casa na Igreja notam a falta daqueles que não se sentem em casa”* (CE Irlanda). Por meio destas vozes, percebemos *“o sonho divino de uma Igreja global e sinodal que vive a unidade na diversidade. Deus está a preparar algo de novo e nós devemos colaborar”* (USG/UISG).

30. Os contributos recebidos são encorajadores porque evitam duas das principais tentações que se apresentam à Igreja perante a diversidade e as tensões que essa gera. A primeira é a de permanecer prisioneiros no conflito: os horizontes restringem-se, perde-se o sentido do conjunto e fragmenta-se em sub-identidades. É a experiência de Babel e não de Pentecostes, bem clara em muitos setores do nosso mundo. A segunda tentação é a de distanciar-se espiritualmente e desinteressar-se das tensões que estão em jogo, continuando a percorrer a própria estrada sem se comprometer com quem está perto no caminho. Mas *“a chamada é para viver melhor a tensão entre verdade e misericórdia, como fez Jesus [...]. O sonho é de uma Igreja que viva mais plenamente o paradoxo cristológico: proclamar com coragem o próprio ensinamento autêntico e ao mesmo tempo oferecer um testemunho de inclusão e aceitação radical por meio de um acompanhamento pastoral baseado no discernimento”* (CE Inglaterra e Gales).

31. A visão de uma Igreja capaz de uma inclusão radical, de pertença mútua e de profunda hospitalidade segundo os ensinamentos de Jesus está no centro do processo sinodal: *“Em vez de nos comportarmos como guardas que procuram excluir os outros da mesa, devemos esforçar-nos mais para estarmos certos que as pessoas saibam que todos podem encontrar aqui um lugar e uma casa”* (observação de um grupo paroquial dos Estados Unidos). Somos chamados para irmos a todo o lugar, especialmente para além dos territórios mais familiares, *“saindo da posição cómoda daqueles que dão hospitalidade para deixar-se*

acolher na existência dos que são nossos companheiros no caminho da humanidade” (CE Alemanha).

3.1 Uma escuta que se faz acolhimento

32. Neste percurso, as Igrejas caíram na conta de que o caminho para uma maior inclusão – a tenda alargada – se realiza de modo gradual. Inicia com a escuta e exige uma mais ampla e profunda conversão das atitudes e das estruturas e também de novos modos de acompanhamento pastoral e a disponibilidade de reconhecer que as periferias podem ser o lugar em que ecoa um apelo à conversão e a pôr decididamente em prática o Evangelho. A escuta exige reconhecer o outro como sujeito do seu próprio caminho. Quando conseguimos fazê-lo, os outros sentem-se acolhidos, não julgados, livres para partilhar o seu caminho espiritual. Isto foi experimentado em muitos contextos e, para alguns, isto foi o aspeto mais transformador de todo o processo: a experiência sinodal pode ser lida como um percurso de reconhecimento para aqueles que não se sentem suficientemente reconhecidos na Igreja. Isto é particularmente verdadeiro para os leigos e leigas, diáconos, consagrados e consagradas que antes tinham a sensação de que a Igreja institucional não se interessava pela sua experiência de fé ou pelas suas opiniões.

33. As sínteses refletem também sobre a dificuldade de escutar profundamente e de aceitar ser transformados por esta escuta, põem em evidência a falta de processos comunitários de escuta e discernimento e pedem uma maior formação neste campo. Além disso, notam que permanecem obstáculos estruturais, entre os quais: estruturas hierárquicas que favorecem tendências autocráticas; uma cultura clerical individualista que isola as pessoas e fragmenta as relações entre sacerdotes e leigos; disparidades socioculturais e económicas que privilegiam as pessoas ricas e instruídas; a ausência de espaços «intermédios» que favoreçam o encontro entre os membros de grupos separados. A síntese da Polónia afirma: *“Não escutar leva à incompreensão, à exclusão, à marginalização. Como ulterior consequência, cria-se o fechamento, o simplismo, a falta de confiança e medos que destroem a comunidade. Quando os sacerdotes não querem ouvir, encontram desculpas como o grande número de atividades, ou quando as perguntas ficam sem resposta, no coração dos fiéis leigos nasce um sentido de estranheza e tristeza. Sem escuta, as respostas às dificuldades dos fiéis são tiradas do contexto e não dizem respeito à essência dos problemas que estão a viver,*

tornando-se moralismos vazios. Os leigos consideram que a fuga da escuta sincera deriva do medo de dever comprometer-se pastoralmente. Uma sensação semelhante cresce quando os bispos não têm tempo para falar e ouvir os fiéis”.

34. Ao mesmo tempo, as sínteses são sensíveis à solidão e ao isolamento de muitos membros do clero, que não se sentem ouvidos, apoiados e apreciados: talvez uma das vozes menos evidentes nas sínteses é precisamente a dos sacerdotes e bispos que falam de si e da própria experiência de caminhar juntos. Uma especial atenção deve ser dada aos ministros ordenados, no que respeita às dimensões afetivas e sexuais das suas vidas. Assinala-se também a importância de proporcionar formas de acolhimento e proteção às mulheres e aos eventuais filhos dos sacerdotes que quebraram o voto do celibato, que de outro modo correm o risco de sofrer graves injustiças e discriminações.

Uma opção pelos jovens, as pessoas com deficiência e a defesa da vida

35. É universal a preocupação pela escassa presença da voz dos jovens no processo sinodal, assim como na vida da Igreja, de modo crescente. Uma atenção renovada para com os jovens, a sua formação e o seu acompanhamento são uma urgência, também na concretização das conclusões do Sínodo precedente sobre “*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*” (2018). Nessa ocasião foram precisamente os jovens a fazer emergir a necessidade de uma Igreja mais sinodal, com vista à transmissão da fé hoje. A iniciativa do «Sínodo digital» constitui um significativo esforço para pôr-se à escuta dos jovens e oferece novos pontos para o anúncio do Evangelho. A síntese das Antilhas afirma: “*Dado que os nossos jovens fazem experiência de um nível de alienação muito alto, devemos assumir uma opção preferencial pelos jovens*”.

36. Numerosas sínteses assinalam a falta de estruturas e modalidades de acompanhamento apropriadas às pessoas com deficiência e apelam a novos modos para acolher o seu contributo e promover a sua participação: a despeito dos seus próprios ensinamentos, a Igreja arrisca imitar o modo como a sociedade as põe de lado. “*As formas de discriminação enumeradas – a falta de escuta, a violação do direito de escolher onde e com quem viver, a negação dos Sacramentos, a acusação de bruxaria, os abusos – e outras, descrevem a cultura do descarte no confronto com as pessoas com deficiência. Essas não nascem por acaso, mas têm em comum a mesma raiz: a ideia de que a vida das pessoas com deficiência valha*

menos que as outras” (Síntese da consulta sinodal especial de pessoas com deficiência, ao cuidado do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida).

37. Igualmente é posto em relevo o empenho do Povo de Deus pela defesa da vida frágil e ameaçada em todas as suas fases. Por exemplo, para a Igreja greco-católica da Ucrânia, faz parte da sinodalidade *“estudar o fenómeno da migração feminina e oferecer apoio às mulheres de diferentes faixas etárias; prestar particular atenção às mulheres que decidem abortar por causa do medo da pobreza material e da rejeição por parte das famílias na Ucrânia; promover um trabalho educativo entre as mulheres que são chamadas a fazer uma escolha responsável quando se encontram a atravessar um momento difícil da sua vida, com o fim de preservar e proteger a vida dos nascituros e prevenir o recurso ao aborto; assumir o cuidado das mulheres com síndrome pós-aborto”*.

À escuta de quem se sente não cuidado e excluído

38. As sínteses mostram com clareza que muitas comunidades já compreenderam a sinodalidade como um convite a pôr-se à escuta daqueles que se sentem exilados da Igreja. Os grupos que experimentam um sentido de exílio são diversos, começando por muitas mulheres e jovens que não sentem reconhecidos os próprios dons e as suas capacidades. No interior deste conjunto bastante heterogéneo, muitos sentem-se denegridos, marginalizados, incompreendidos. A nostalgia de uma casa caracteriza também aqueles que se sentem desconfortáveis após os desenvolvimentos litúrgicos do Concílio Vaticano II. Para muitos é transformadora a experiência de serem escutados seriamente e representa um primeiro passo para se sentirem incluídos. Por outro lado, foi fonte de tristeza o facto de que alguns tenham tido a sensação que a sua participação no percurso sinodal não fosse apreciada: trata-se de um sentimento que requer compreensão e diálogo.

39. Entre aqueles que pedem um diálogo mais incisivo e um espaço mais acolhedor, encontramos também aqueles que, por diversas razões, notam uma tensão entre a pertença à Igreja e as próprias relações afetivas, como por exemplo: os divorciados recasados, as famílias monoparentais, as pessoas que vivem num casamento polígamo, as pessoas LGBTQ, etc. As sínteses mostram como este pedido de acolhimento interpela muitas Igrejas locais: *“As pessoas pedem que a Igreja seja um refúgio para quem está ferido e caído, não uma instituição para os*

perfeitos. *Querem que a Igreja encontre as pessoas onde quer que estejam, que caminhe com elas em vez de as julgar e construa relações reais por meio do cuidado e da autenticidade, não com sentido de superioridade”* (CE USA). Deixam também emergir incertezas quanto ao modo de dar respostas e exprimem a necessidade de um discernimento por parte da Igreja universal: *“Há um fenómeno novo na Igreja que é uma novidade absoluta no Lesotho: as relações entre pessoas do mesmo sexo. [...] Esta novidade representa um motivo de perturbação para os católicos e para quantos consideram isso um pecado. Surpreendentemente há católicos no Lesotho que começaram a praticar este comportamento e esperam que a Igreja os acolha, bem como o seu modo de se comportarem. [...] Trata-se de um desafio problemático para a Igreja, porque estas pessoas se sentem excluídas”* (CE Lesotho). Também os que deixaram o ministério ordenado para se casarem pedem maior acolhimento e disponibilidade para o diálogo.

40. Não obstante as diferenças culturais, há notáveis semelhanças entre os vários continentes no respeitante àqueles que são considerados como excluídos, na sociedade e também na comunidade cristã. Em muitos casos a sua voz esteve ausente no processo sinodal, e aparecem nas sínteses só porque outros falam deles, lamentando a exclusão: *“Como Igreja boliviana estamos doloridos por não ter conseguido alcançar eficazmente os pobres das periferias e dos lugares mais remotos”* (CE Bolívia). Entre os grupos excluídos mencionados mais frequentemente: os mais pobres, os idosos sozinhos, os povos indígenas, os migrantes sem alguma pertença e que levam uma existência precária, as crianças da rua, os alcoolizados e os drogados, aqueles que caíram nas redes da criminalidade e aqueles para quem a prostituição representa a única possibilidade de sobrevivência, as vítimas do tráfico humano, os sobreviventes aos abusos (na Igreja e não só), os presos, os grupos que sofrem discriminação e violência por causa da raça, da etnia, do género, da cultura e da sexualidade. Nas sínteses, todos estes aparecem como pessoas com rosto e nome, que pedem solidariedade, diálogo, acompanhamento e acolhimento.

3.2 Irmãs e irmãos para a missão

41. A Igreja é portadora de um anúncio de vida em plenitude: *“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”* (Jo 10,10). Os Evangelhos

apresentam a plenitude desta vida e o Reino de Deus não como realidades ou âmbitos separados, mas sempre como dinâmicas que se entrecruzam. A missão da Igreja é tornar Cristo presente no meio do seu povo através da leitura da Palavra, da celebração dos Sacramentos e de todas as ações que tomam cuidado de quem está ferido ou sofredor. *“É necessário que todos na Igreja entremos num processo de conversão para dar resposta a esta exigência que comporta propor o kerigma como anúncio e escuta fundamental de Cristo crucificado e ressuscitado para nós. [...] Daqui a importância de regressar à essência da vida cristã e do primeiro amor, e regressar às nossas raízes como as primeiras comunidades, ou seja, aquelas em que tudo era em comum”* (CE Costa Rica).

42. Levando a cabo a missão, sigamos em direção à plenitude da nossa vocação cristã. *“Alargar a tenda”* é o coração da ação missionária. Por isso, uma Igreja sinodal representa um poderoso testemunho do Evangelho no mundo: *“O Espírito Santo está a impulsionar-nos a uma renovação de estratégias, compromissos, dedicação e motivação para caminhar juntos, alcançando os mais afastados, difundindo a Palavra de Deus com entusiasmo e alegria, usando os nossos talentos, dons e capacidades, assumindo novos desafios e provocando mudanças culturais à luz da fé e da vida da Igreja”* (CE Venezuela). As sínteses dão voz ao sonho de uma Igreja capaz de se deixar interpelar pelos desafios do mundo de hoje e de lhes responder com transformações concretas: *“O mundo precisa de uma “Igreja em saída”, que rejeite a divisão entre crentes e não crentes, que olhe para a humanidade e lhe ofereça mais do que uma doutrina ou uma estratégia, uma experiência de salvação, um “golpe de dom” que atenda ao grito da humanidade e da natureza”* (CE Portugal).

A missão da Igreja no mundo de hoje

43. A sinodalidade é uma chamada de Deus a caminhar juntos com toda a família humana. Em muitos lugares, os cristãos vivem no meio de pessoas com outras crenças ou não crentes e estão empenhados num diálogo feito de quotidianidade e partilha de vida: *“Vem cultivado um clima social de diálogo também com aqueles que praticam a religião africana tradicional e com qualquer outra pessoa ou comunidade, qualquer que seja a confissão religiosa a que pertence”* (CE Senegal, Mauritânia, Cabo Verde e Guiné Bissau). As sínteses

indicam, contudo, que ainda há muito caminho a percorrer em termos de intercâmbio e colaboração social, cultural, espiritual e intelectual.

44. As feridas da Igreja estão intimamente ligadas às do mundo. As sínteses falam dos desafios do tribalismo, do sectarismo, do racismo, da pobreza e desigualdade de género na vida da Igreja e do mundo. Uganda faz eco a muitos outros países, notando que “*os ricos e os instruídos são mais ouvidos*”. A síntese das Filipinas ressalta que “*muitos que pertencem às classes mais baixas da sociedade e aos marginalizados sentem-se também excluídos da Igreja*”. Outras sínteses assinalam o influxo, sobre a vida das comunidades eclesiais, das discriminações étnicas e de uma cultura fundada sobre o tribalismo. Estas realidades não só constituem o pano de fundo da nossa missão, mas definem também o seu objetivo e finalidade: a mensagem do Evangelho que a Igreja tem o dever de anunciar deve converter também as estruturas de pecado que mantêm prisioneiras a humanidade e a criação.

45. O Povo de Deus exprime o profundo desejo de ouvir o grito dos pobres e o da terra. As sínteses convidam-nos a reconhecer especialmente a interconexão entre os desafios sociais e ambientais e a dar-lhes resposta, colaborando e dando vida a alianças com outras confissões cristãs, crentes de outras religiões e pessoas de boa vontade. Este apelo a um renovado ecumenismo e ao compromisso inter-religioso é particularmente forte nas nações marcadas por uma maior vulnerabilidade aos danos socioambientais e de desigualdades mais notórias. Por exemplo, muitas sínteses africanas e da zona do Pacífico convidam as Igrejas de todo o mundo a reconhecer que enfrentar os desafios socioambientais deixou de ser facultativo: “*É nosso desejo proteger esta parte da criação de Deus, dado que o bem-estar dos nossos povos, de muitíssimos modos, depende do oceano. Nalguns dos nossos Países, a ameaça principal é representada pelo oceano, uma vez que as mudanças climáticas têm consequências drásticas para a sobrevivências destes Países*” (CE Pacífico).

46. Algumas sínteses sublinham a importância do papel da Igreja no espaço público, particularmente em relação aos processos de construção da paz e reconciliação. Em sociedades extremamente polarizadas, isto é considerado uma parte integrante da missão da Igreja. Outras sínteses convidam a Igreja a contribuir com maior decisão ao debate público e ao compromisso pela justiça. Sobressai o desejo de maior formação no campo da doutrina social da Igreja. “*A nossa Igreja*

não é chamada ao conflito, mas ao diálogo e à cooperação a todos os níveis. [...] O nosso diálogo não pode ser um diálogo apologético com discussões inúteis, mas um diálogo de vida e solidariedade” (Igreja Arménia católica).

47. Um ulterior tema comum a muitas sínteses é a debilidade de um compromisso ecuménico profundo e o desejo de aprender como dar nova seiva ao caminho ecuménico, a partir da colaboração concreta e quotidiana sobre preocupações comuns pela justiça social e ambiental. É expresso como um vivo desejo o testemunho mais unido entre as diversas religiões e as comunidades cristãs.

Caminhar juntamente com todos os cristãos

48. O chamamento ao ecumenismo, contudo, não se concretiza apenas num compromisso social comum. Muitas sínteses sublinham que não há sinodalidade completa sem unidade entre os cristãos. Esta começa com o apelo a uma comunhão mais estreita entre Igrejas de diferentes ritos. Desde o Concílio Vaticano II, o diálogo ecuménico tem feito progressos: *“Na experiência concreta do nosso País, o «viver juntos» entre cristãos de diversas confissões é um dado de facto. Os nossos bairros, as nossas famílias, os lugares onde velamos os defuntos, os lugares de trabalho são autênticos espaços ecuménicos”* (CE República Centro Africana). Contudo, não estão ainda bem articuladas muitas questões ecuménicas relativas às estruturas sinodais e aos ministérios na Igreja. Várias sínteses põem em relevo que existe também um «ecumenismo do martírio», onde as perseguições continuam a unir os cristãos. As sínteses pedem uma maior atenção às realidades que geram divisões, como por exemplo a questão da partilha da Eucaristia.

49. Assinalamos também o delicado fenómeno do crescimento do número de famílias interconfessionais e inter-religiosas, com as suas necessidades específicas em termos de acompanhamento. Relançar o compromisso pela unidade dos cristãos, como testemunho num mundo fragmentado, requer uma formação específica que aumente a confiança, a capacidade e a motivação entre bispos, sacerdotes, consagradas e consagrados, leigas e leigos, para o diálogo ecuménico e inter-religioso. *“Embora a Igreja na Índia tenha tentado promover o diálogo ecuménico e inter-religioso, tem-se a sensação de ser mínimo o compromisso neste âmbito da missão. Os esforços de diálogo envolveram apenas elites restritas e permaneceram quando muito exercícios cerebrais limitados ao âmbito das*

ideias e dos conceitos, em vez de se tornarem um movimento de massa e um diálogo de vida, amor e ação na base, incluindo pessoas de várias crenças e ideologias a fim de discernir, planificar e trabalhar em conjunto por causas comuns” (CE Índia).

Os contextos culturais

50. Numerosas sínteses evidenciam a importância de reconhecer que a Igreja desempenha a própria missão de anunciar o Evangelho dentro de contextos culturais específicos, conhecendo a influência de mudanças sociais profundas e rápidas. Os fatores variam, mas em todo o lado determinam desafios significativos para a participação e modelam a realidade da missão da Igreja. A herança do sectarismo, do tribalismo e dos etno-nacionalismos – expressos e vividos de modo diverso em diferentes lugares – ameaça constantemente restringir a expressão da catolicidade da Igreja.

51. Muitas Igrejas referem encontrar-se perante um contexto cultural assinalado pelo declínio da credibilidade e da confiança de que gozam por causa da crise dos abusos. Outros indicam como fatores culturais críticos o individualismo e o consumismo: *“Cada dia podemos sentir que também no nosso País o anúncio do Evangelho é posto em discussão pela crescente secularização, pelo individualismo e pelo indiferentismo em relação às formas institucionais da religião”* (CE Hungria). A síntese de Malta, como muitas outras, sublinha como as implicações históricas entre a Igreja e o poder político continuam a ter um efeito sobre o contexto da missão. Muitas Igrejas sentem encontrar-se perante estes desafios culturais, todos em conjunto, mas desejam crescer na confiança de poder anunciar o Evangelho também *“numa sociedade consumista que não conseguiu garantir a sustentabilidade, a equidade ou o sentido de realização”* (CE Irlanda). Outras Igrejas experimentam um pluralismo de posições no seu interior: *“A África meridional sofre também o impacto das tendências internacionais da secularização, do individualismo e do relativismo. Temas como o ensinamento da Igreja sobre o aborto, a contraceção, a ordenação das mulheres, os padres casados, o celibato, o divórcio e a passagem a novo casamento, a possibilidade de receber a comunhão, a homossexualidade, as pessoas LGBTQIA+ foram referidas em todas as Dioceses, tanto rurais como urbanas. Foram referidos pontos de vista diferentes e não é possível formular uma posição definitiva da*

comunidade sobre nenhuma destas temáticas” (CE África do Sul). Numerosas sínteses exprimem amargura e preocupação pelas pressões que caem sobre as famílias e o conseqüente impacto sobre as relações entre gerações e sobre a transmissão da fé. Muitas sínteses asiáticas pedem um melhor acompanhamento e formação das famílias que devem enfrentar as mudanças culturais.

52. Nalguns contextos, o testemunho da fé é vivido até ao martírio: há países em que os cristãos, sobretudo jovens, devem enfrentar o desafio de uma sistemática conversão forçada a outras religiões. São muitas as sínteses que sublinham a insegurança e a violência que devem enfrentar as minorias cristãs perseguidas. Nestes casos, caminhar juntamente com outras crenças, em vez de retirar-se para trás do muro da separação, exige a coragem da profecia.

Culturas, religiões e diálogo

53. Um elemento essencial da sinodalidade, que necessita ainda de um significativo aprofundamento e de uma melhor compreensão, é a chamada a uma abordagem intercultural mais consciente. Tal abordagem começa caminhando juntamente com outros, apreciando as diferenças culturais e compreendendo-as como fatores de crescimento: *“O encontro entre a Igreja Católica no Camboja com os monges e os leigos budistas cambojanos «cria uma nova cultura». Todas as nossas atividades se influenciam mutuamente e influenciam todo o mundo. Podemos ser diversos na religião, mas todos procuramos o bem comum”* (CE Laos e Camboja). São as Igrejas que representam uma pequena minoria no contexto em que vivem a experimentar a interculturalidade de modo mais intenso: *“Por exemplo [há] a que podemos chamar a «porosidade» das nossas Igrejas, cuja linha de demarcação com a sociedade civil é paradoxalmente menos marcada que noutros lugares [...]. Não há o problema de fazer as coisas «dentro» ou «fora» da Igreja. Somos uma Igreja em saída por definição, porque sempre «a casa de outros» e isto ensinou-nos a escuta, flexibilidade e criatividade nas formas, na linguagem, nas práticas”* (CE Região Norte de África – CERNA).

54. Contudo, mesmo quando se chega à aceitação ou mesmo ao apreço do outro, o percurso não está ainda completo. A abordagem intercultural da Igreja olha para o horizonte a que Cristo a chama: o Reino de Deus. No abraço de uma diversidade que é riqueza podemos encontrar a nossa unidade mais profunda e a ocasião de colaborar com a graça de Deus: *“devemos também prestar atenção aos*

pensamentos e às ideias da família alargada e dos companheiros de viagem (não católicos, políticos, não crentes). Há vozes ao nosso lado que não podemos permitir-nos ignorar, se não queremos perder quanto Deus está a segredar através deles” (CE Zimbabwe). Isto constitui um testemunho no interior de um mundo que lhe custa ver a diversidade na unidade como uma verdadeira vocação: “A comunidade [...] deve ter grandemente em conta a diversidade, as aspirações, as necessidades e a maneira de viver a fé. A Igreja universal deve permanecer garante da unidade, mas as Dioceses podem inculturar a fé localmente: é necessária uma descentralização” (Arquidiocese de Luxemburgo).

55. Em não poucas sínteses, pede-se para reconhecer, comprometer-se, integrar e responder melhor à riqueza das culturas locais, muitas das quais têm visões do mundo e estilos de ação que são sinodais. As pessoas exprimem o desejo de promover (e em alguns casos de recuperar e aprofundar) a cultura local, de integrá-la com a fé, de incorporá-la na liturgia. *“Os cristãos são chamados a oferecer o próprio contributo, a partir da própria visão de fé, para a inculturar nos novos contextos culturais [...]. Esta diversidade de abordagens devem ser entendidas como atualização de um modelo de interculturalidade, onde as diversas propostas se integram e se enriquecem mutuamente, superando o tipo de multiculturalidade que consiste na simples justaposição de culturas, fechadas no interior do seu perímetro” (Contributo do Pontifício Conselho da Cultura).*

56. Em numerosos casos, pede-se para prestar especial atenção à situação das populações indígenas. A sua espiritualidade, sabedoria e cultura têm muito para ensinar. Temos necessidade de reler a história em conjunto com estes povos, para tirar inspiração das situações em que a Igreja se pôs ao serviço do seu desenvolvimento integral e pedir perdão pelas vezes em que foi cúmplice da sua opressão. Ao mesmo tempo, algumas sínteses evidenciam a necessidade de reconciliar as aparentes contradições que existem entre as práticas culturais ou as crenças tradicionais e os ensinamentos da Igreja. Ao nível mais geral, a prática da sinodalidade – comunhão, participação e missão – deve ser articulada com as culturas e os contextos locais, numa tensão que promova o discernimento e a generatividade.

3.3 Comunhão, participação e corresponsabilidade

57. A missão da Igreja realiza-se através da vida de todos os batizados. As sínteses exprimem um profundo desejo de reconhecer e reafirmar a dignidade comum como base de renovação da vida e dos ministérios da Igreja. Afirma-se o valor de todas as vocações na Igreja, e sobretudo convida-se a seguir Jesus, regressando ao seu estilo e ao seu modo de exercitar o poder e a autoridade como instrumento para oferecer cura, reconciliação e libertação. *“É importante construir um modelo institucional sinodal como paradigma eclesial de desestruturação do poder piramidal que privilegia as gestões unipessoais. A única autoridade legítima na Igreja deve ser a do amor e do serviço, segundo o exemplo do Senhor”* (CE Argentina).

Para além do clericalismo

58. O tom das sínteses não é anticlerical (contra os sacerdotes ou o sacerdócio ministerial). Muitas exprimem profundo apreço e afeto pelos sacerdotes que desempenham a própria missão com fidelidade e dedicação, e preocupação pelas muitas exigências que devem enfrentar. Dão antes voz ao desejo dos sacerdotes serem melhor formados, mais bem acompanhados e menos isolados. Além disso, apontam a importância de libertar a Igreja do clericalismo, de modo que todos os seus membros, tanto sacerdotes como leigos, possam realizar a missão comum. O clericalismo é visto como uma forma de empobrecimento espiritual, uma privação dos verdadeiros bens do ministério ordenado e uma cultura que isola o clero e prejudica os leigos. Esta cultura separa da experiência viva de Deus e prejudica as relações fraternas, produzindo rigidez, apego ao poder em sentido legalista e um exercício da autoridade que é mais poder do que serviço. O clericalismo pode ser uma tentação, tanto para os clérigos como para os leigos, como sublinha a síntese da República Centro Africana: *“alguns párocos comportam-se como «dispensadores de ordens», impondo a sua vontade sem ouvir ninguém. Os cristãos leigos não se sentem membros do Povo de Deus. As iniciativas demasiado «clericalis» devem ser reprovadas. Alguns agentes pastorais, clérigos e leigos, por vezes preferem rodear-se dos que partilham as suas opiniões e ficar longe daqueles que têm convicções que lhes são hostis e deles discordam”*.

59. Embora sejam francas no diagnóstico do problema, as sínteses não estão privadas de esperança. Expressam um desejo profundo e enérgico de formas de exercício da liderança – episcopal, sacerdotal, religiosa e laical – que sejam relacionais e colaborativas, e de formas de autoridade capazes de gerar solidariedade e corresponsabilidade: *“Entre as várias responsabilidades das autoridades estão aquelas de encorajar, envolver, orientar e facilitar a participação na vida da Igreja [...] e delegar parte da responsabilidade”* (CE Eslováquia). Leigos, religiosos e clérigos desejam pôr os próprios talentos e capacidades à disposição da Igreja e para fazê-lo pedem um exercício da liderança que os torne livres. As sínteses exprimem gratidão pelos líderes que já exercitam o próprio papel com esta modalidade.

Repensar a participação das mulheres

60. O apelo a uma conversão da cultura da Igreja, para a salvação do mundo, está ligado em termos concretos à possibilidade de instaurar uma nova cultura, com novas práticas, estruturas e hábitos. Isto diz respeito, antes de mais, ao papel das mulheres e à sua vocação, enraizada na sua dignidade batismal comum, para participar plenamente na vida da Igreja. Este é um ponto crítico no qual existe uma consciência crescente em todas as partes do mundo.

61. De todos os continentes chega um apelo a fim de que as mulheres católicas sejam valorizadas acima de tudo como batizadas e membros do Povo de Deus com igual dignidade. É quase unânime a afirmação que as mulheres amam profundamente a Igreja, mas muitas sentem tristeza porque a sua vida não é bem compreendida, enquanto o seu contributo e os seus carismas não são sempre valorizados. A síntese da Terra Santa nota: *“Quem se comprometeu mais no processo sinodal foram as mulheres, que parecem ter compreendido não só que tinham mais a ganhar, mas também mais a oferecer pelo facto de serem relegadas para uma margem profética, da qual observam o que acontece na vida da Igreja”*; e continua: *“Numa Igreja em que quase todos os que tomam decisões são homens, há poucos espaços nos quais as mulheres possam fazer ouvir a própria voz. E constituem, contudo, a espinha dorsal das comunidades eclesiais, quer porque representam a maioria dos praticantes, quer porque são dos mais ativos membros da Igreja”*. A síntese da Coreia afirma: *“Não obstante a grande participação das mulheres nas várias atividades eclesiais, são muitas vezes excluídas dos*

principais processos de decisão. Portanto, a Igreja deve melhorar a própria consciência e os aspetos institucionais das suas atividades” (CE Coreia). A Igreja encontra-se a enfrentar dois desafios relacionados entre si: as mulheres permanecem a maioria dos que frequentam a liturgia e participam nas atividades, sendo os homens uma minoria; contudo, a maior parte dos papéis de decisão e de governo são desempenhados por homens. É claro que a Igreja deve encontrar o modo de atrair os homens a uma pertença mais ativa na Igreja e permitir às mulheres participar mais plenamente em todos os níveis da vida da Igreja.

62. Em todos os âmbitos da sua vida, as mulheres pedem à Igreja para estar do seu lado. Perante as dinâmicas sociais de empobrecimento, violência e humilhação que enfrentam em todo o mundo, as mulheres pedem uma Igreja que esteja do seu lado, mais compreensiva e solidária no combate destas forças de destruição e exclusão. Quantos participaram nos processos sinodais desejam que a Igreja e a sociedade sejam para as mulheres um lugar de crescimento, participação ativa e sã pertença. Algumas sínteses notam que as culturas dos seus países fizeram progressos na inclusão e na participação das mulheres e que estes progressos poderiam servir de modelo para a Igreja. *“A falta de igualdade para as mulheres dentro da Igreja é vista como um obstáculo para a Igreja no mundo moderno”* (CE Nova Zelândia).

63. De formas diversas, o problema está presente em todos os contextos culturais e diz respeito à participação e ao reconhecimento tanto das leigas, como das religiosas. O contributo dos Institutos de Vida Consagrada afirma: *“Nos processos de decisão e na linguagem da Igreja, o sexismo está muito difuso [...]. Consequentemente, às mulheres são barrados papéis significativos na vida da Igreja e sofrem discriminações pois não recebem um salário igual para as funções e serviços que desempenham. As religiosas são muitas vezes consideradas como mão de obra barata. Nalgumas Igrejas há a tendência a excluir as mulheres e a confiar funções a diáconos permanentes; e também a desvalorizar a vida consagrada sem hábito, sem ter em conta a fundamental igualdade e dignidade de todos os fiéis cristãos batizados, mulheres e homens”* (USG/UISG).

64. Quase todas as sínteses levantam a questão da plena e igual participação das mulheres: *“O crescente reconhecimento da importância das mulheres na vida da Igreja abre possibilidades de maior participação, ainda que limitada, nas estruturas eclesiais e nas esferas de tomada de decisões”* (CE

Brasil). Contudo, não concordam quanto a uma resposta única e exaustiva à questão da vocação, da inclusão e da valorização das mulheres na Igreja e na sociedade. Muitas sínteses, depois de uma atenta escuta do contexto, pedem que a Igreja prossiga o discernimento sobre algumas questões específicas: papel ativo das mulheres nas estruturas de governo dos organismos eclesiais, possibilidade para as mulheres com adequada formação de pregar no âmbito paroquial, diaconado feminino. Posições bastante mais diversificadas vêm expressas a propósito da ordenação presbiteral para as mulheres, que algumas sínteses desejam, enquanto outras a consideram uma questão fechada.

65. Um elemento fundamental deste processo diz respeito ao reconhecimento dos modos em que as mulheres, especialmente as religiosas, estão já na primeira linha das práticas sinodais, nalgumas das situações sociais mais difíceis que a Igreja é chamada a enfrentar: *“Há sementes de sinodalidade onde se abre um novo terreno de solidariedade: ocorre assegurar um futuro de justiça racial e étnica e de paz para as irmãs e os irmãos negros, mestiços, asiáticos e nativos americanos (Estados Unidos); relacionar-se em profundidade com as irmãs e os irmãos indígenas e nativos (Américas); abrir novos caminhos de presença das religiosas nos diversos movimentos; aliar-se com grupos que partilham a mesma orientação para enfrentar questões sociais fundamentais (como as mudanças climáticas, o problema dos refugiados e requerentes de asilo, dos sem-abrigo), ou relativos a países específicos”* (USG/UISG). Nestes contextos, as mulheres procuram colaboradores e podem ser mestras de sinodalidade dentro de processos eclesiais mais amplos.

Carismas, vocações e ministérios

66. A responsabilidade pela vida sinodal da Igreja não pode ser delegada, mas deve ser partilhada por todos em resposta aos dons que o Espírito Santo concede aos fiéis: *“Um grupo da Diocese de Lae expressou-se assim sobre a sinodalidade na sua paróquia: «Nas reuniões do conselho pastoral paroquial, fazemos de modo a tomar em consideração as opiniões e as sugestões de todos os presentes, inclusive das mulheres, antes de tomar decisões que terão impacto sobre a vida de todos na paróquia». Uma outra paróquia assim comentou: «Quando queremos fazer qualquer coisa na nossa paróquia, reunimo-nos, ouvimos as sugestões de todos na comunidade, decidimos em conjunto e em*

conjunto levamos para a frente as decisões tomadas»” (CE Papua, Nova Guiné e Ilhas Salomão). Não falta, contudo, a expressão de uma certa fadiga em praticar efetivamente a corresponsabilidade: *“Como bispos reconhecemos que a «teologia batismal» promovida pelo Concílio Vaticano II, base da corresponsabilidade na missão, não foi suficientemente desenvolvida e assim a maioria dos batizados não sente uma plena identificação com a Igreja e ainda menos uma corresponsabilidade missionária. Além disso, a liderança das atuais estruturas pastorais, assim como a mentalidade de muitos sacerdotes, não favorecem esta corresponsabilidade. Do mesmo modo, os religiosos e as religiosas, assim como os movimentos apostólicos laicais, muitas vezes permanecem subtilmente ou abertamente nas margens das dinâmicas diocesanas. Assim, os chamados «leigos empenhados» nas paróquias (que são os menos numerosos) acabam por ficar sobrecarregados de responsabilidades intraeclesiais que superam as suas forças e esgotam o seu tempo”* (CE México).

67. Este desejo de corresponsabilidade exercita-se antes de tudo na chave do serviço à missão comum, isto é, com a linguagem da ministerialidade: *“A experiência feita [...] ajudou a redescobrir a corresponsabilidade que vem da dignidade batismal e deixou emergir a possibilidade de superar uma visão de Igreja construída à volta do ministério ordenado para ir em direção a uma Igreja «toda ministerial», que é comunhão de carismas e ministérios diversos”* (CE Itália). Da consulta ao Povo de Deus emerge o tema do ministério como central para a vida da Igreja e a exigência de conciliar a unidade da missão com a pluralidade dos ministérios: reconhecer tal exigência e promovê-la *“não é um fim em si mesmo, mas uma valorização ao serviço da missão: atrizes e atores diversos, iguais em dignidade, complementares para serem sinal, para tornar credível uma Igreja que seja sacramento do Reino”* (CE Bélgica).

68. Muitas sínteses fazem referência à existência de práticas de reconhecimento e promoção dos ministérios, centradas numa efetiva entrega das funções por parte da comunidade: *“A promoção dos ministérios laicais e a assunção de responsabilidades é através do acto eleitoral ou indicação de fiéis que se julgue reunir as condições necessárias”* (CE Moçambique). Deste modo, todo o ministério torna-se um elemento estrutural e estruturante da vida da comunidade: *“A assunção de responsabilidades é garantida pelo mandato recebido e pelo princípio de subsidiariedade. Os catequistas são instituídos e têm*

um estatuto especial na Igreja Família de Deus. [...] Alguns são «instituídos» como Chefes da Comunidade, sobretudo nas zonas rurais, onde a presença dos sacerdotes é rara” (CE RD Congo). Não faltam interrogações devido aos espaços de possível exercício da ministerialidade laical: “Muitos grupos desejam uma maior participação dos leigos, mas as margens de manobra não são claras: que tarefas concretas podem desempenhar os leigos? Como se articula a responsabilidade dos batizados com a do pároco?” (CE Bélgica).

69. Nalguns contextos sublinha-se a necessidade de considerar também a variedade dos carismas e ministérios que surgem em forma organizada dentro das associações, dos movimentos laicais e das novas comunidades religiosas, com a sua especificidade, mas salvaguardando a harmonia dentro de cada Igreja local. Quando o tema da ministerialidade entra no concreto da vida da Igreja, encontra inevitavelmente o tema da sua institucionalização e, portanto, das estruturas pelas quais se desenvolve a vida da comunidade cristã.

70. Na Igreja Católica, os dons carismáticos concedidos livremente pelo Espírito Santo, que ajudam a igreja a «rejuvenescer», são inseparáveis dos dons hierárquicos, ligados ao Sacramento da Ordem nos seus vários graus. Um grande desafio da sinodalidade, que surgiu durante o primeiro ano, é o de harmonizar estes dons sob a guia dos pastores, sem contrapô-los e, portanto, sem opor a dimensão carismática e a dimensão institucional.

3.4 A sinodalidade toma forma

71. O percurso sinodal fez surgir uma série de tensões, explicitadas nos parágrafos precedentes. Não devemos ter medo, mas articulá-las num processo de constante discernimento em comum, de modo a aproveitá-las como fonte de energia, sem que se tornem destrutivas: só assim será possível continuar a caminhar juntos, em vez de andar cada um pelo seu caminho. Por isso, a Igreja tem necessidade de dar uma forma e um modo de proceder sinodal também às próprias instituições e estruturas, particularmente de governo. Caberá ao direito canónico acompanhar este processo de renovação das estruturas, também através das necessárias modificações das ordens atualmente em vigor.

72. Para funcionar verdadeiramente de modo sinodal, as estruturas têm necessidade de ser habitadas por pessoas adequadamente formadas, em termos de visão e de competência: “*Todo o processo sinodal foi um exercício de*

participação ativa a diversos níveis. A fim de que possa prosseguir, é necessária uma mudança de mentalidade e uma renovação das estruturas existentes” (CE Índia). Esta nova visão terá necessidade de ser apoiada por uma espiritualidade que apresente instrumentos para enfrentar os desafios da sinodalidade sem os reduzir a questões técnico-organizativas, mas vivendo o caminhar juntos ao serviço da missão comum, como ocasião de encontro com o Senhor e de escuta do Espírito. A fim de que haja sinodalidade, é necessária a presença do Espírito e não há Espírito sem oração.

Estruturas e instituições

73. No que diz respeito à tensão global-local – o que na linguagem eclesial nos remete às relações das Igrejas locais entre si e com a Igreja universal – é a dinâmica do processo sinodal a pôr-nos perante uma novidade, que é constituída precisamente pela Etapa Continental que estamos a viver. Sem contar algumas regiões caracterizadas por uma dinâmica histórica particular, até ao presente faltam práticas consolidadas de sinodalidade a nível continental. A introdução de uma etapa específica no processo do Sínodo não constitui um mero expediente organizativo, mas corresponde à dinâmica da encarnação do Evangelho que, enraizando-se em áreas caracterizadas por uma certa coesão e homogeneidade cultural, produz comunidades eclesiais com uma fisionomia peculiar, ligada aos traços de cada cultura. No quadro de um mundo ao mesmo tempo globalizado e fragmentado, cada continente, por motivo das raízes históricas comuns, de uma tendencial comunhão sociocultural e pelo facto de apresentar os mesmos desafios para a missão de evangelização, constitui um ambiente privilegiado para suscitar uma dinâmica sinodal que reforce os laços entre as Igrejas, favoreça a partilha de experiências e a troca de dons e ajude a imaginar novas opções pastorais.

74. Por outro lado, a dinâmica da sinodalidade interpela a própria Cúria Romana: *“ocorre recordar a colaboração com os outros Dicastérios da Cúria Romana, com os quais há consultas regulares [...]. Contudo, nota-se que neste âmbito se deveriam encontrar mais instrumentos para favorecer o crescimento de uma prática e de um espírito mais sinodal para atuar na Cúria Romana, como é desejado pelo Santo Padre com a nova Constituição Apostólica Praedicate Evangelium”* (Contributo da Secretaria de Estado – Secção para a Relação com os Estados e as Organizações Internacionais).

75. As Conferências Episcopais também se interrogam sobre o que para elas significa a sinodalidade: *“Também os bispos rezaram e se confrontaram quanto a esta pergunta: «Como tornar uma Conferência Episcopal mais sinodal? E como vivê-la de um modo mais sinodal?»”* (CE Paraguai). Por exemplo, *“as Conferências Episcopais, embora na sua colegialidade e liberdade de decisão, isenta de qualquer tipo de pressão, deveriam incluir nos debates e encontros, em nome da sinodalidade, representantes do clero e do laicado das várias dioceses”* (Contributo da Secretaria de Estado – Secção para o Pessoal diplomático da Santa Sé).

76. No interior da dinâmica continental, as Conferências Episcopais poderão experimentar um novo papel, ligado não só à promoção da comunhão no seu próprio interior, mas também do diálogo entre as Igrejas ligadas por uma proximidade geográfica e cultural. Além disso, a Etapa Continental, pela proposta de realizar assembleias eclesiais e episcopais, oferecerá ocasião de experimentar concretamente como articular sinodalidade eclesial e colegialidade episcopal, além de refletir sobre como melhorar a sintonia entre modalidades ordinárias do exercício do ministério episcopal e a assunção de um estilo plenamente sinodal, ponto sobre o qual algumas sínteses notam certa fadiga. A releitura da experiência amadurecida durante a Etapa Continental ajudará a discernir como proceder com maior fluidez.

77. Bastante mais do que a Igreja latina, as Igrejas Orientais oferecem uma ampla riqueza de estruturas sinodais, chamadas hoje a renovar-se: *“As antigas estruturas sinodais e os processos eclesiais existentes na Igreja siro-malabar (Prathinidhiyogam, Palliyogam e Desayogam) exprimem a natureza sinodal da Igreja a nível local, regional e universal e são úteis para formar-nos à sinodalidade. Estão ao serviço das paróquias e das comunidades, que descobrem o exercício de colaboração dos ministérios pastorais para seguir na escuta do Espírito Santo. Além disso, há novas iniciativas e tentativas que procuram potenciar as estruturas sinodais da Igreja”* (Igreja católica siro-malabar).

78. A dinâmica da corresponsabilidade, uma vez mais em vista e ao serviço da missão comum e não como modalidade organizativa de repartição de papéis e poderes, atravessa todos os níveis da vida da Igreja. A nível local, chama em causa os organismos de participação já previstos aos vários níveis e com as especificidades próprias dos diversos ritos, e o que possa eventualmente resultar oportuno instituir ao serviço de uma reforçada dinâmica sinodal: *“discutiu-se*

sobre a necessidade de ter estruturas e organismos que reflitam autenticamente um espírito de sinodalidade” (CE Coreia). Acima de tudo, trata-se dos conselhos pastorais, chamados a ser sempre mais lugares institucionais de inclusão, diálogo, transparência, discernimento, avaliação e responsabilização de todos. No nosso tempo são indispensáveis. Vão depois acrescentados os conselhos económicos, diocesanos e paroquiais, sem esquecer os conselhos episcopais e presbiterais junto do bispo. De não poucas sínteses emerge a exigência de que estes organismos não sejam só consultivos, mas lugares em que se tomam decisões com base em processos de discernimento comunitário e não segundo o princípio de maioria tal como é utilizado nos regimes democráticos.

79. Nas diversas partes do mundo, a transparência é vista como um fator essencial para uma Igreja autenticamente sinodal, em que somos chamados a crescer ao longo do caminho que estamos a percorrer: *“A Igreja católica deve tornar-se mais aberta e transparente: tudo é feito em segredo. Nunca são tornadas públicas as ordens do dia e os verbais do conselho paroquial, nem se discutem as decisões do conselho dos assuntos económicos e os orçamentos não são tornados públicos”* (observação individual do Reino Unido). A transparência impulsionará uma verdadeira prestação de contas de todos os processos de decisão, incluídos os critérios usados para o discernimento. Um estilo de liderança ancorado num modo de proceder sinodal produzirá confiança e credibilidade: *“Sobre algumas questões, o exercício da autoridade é efetivamente colegial, através da consulta dos organismos inseridos nas diversas estruturas de administração, gestão e animação pastoral [...]. Mas é por vezes triste constatar que na nossa Igreja Católica há bispos, padres, catequistas, responsáveis de comunidade... muito autoritários. [...] Em vez de servir a comunidade, alguns servem-se a si mesmos com decisões unilaterais, e isto é um obstáculo no nosso caminho sinodal”* (CE Chade). Além disso, muitas sínteses reclamam a exigência de comprometer pessoas que possuam adequadas competências profissionais na gestão das competências económicas e de governo.

80. Como os organismos de participação, todas as instituições da Igreja são chamadas a interrogar-se sobre como integrar o impulso à sinodalidade nas modalidades de exercício das próprias funções e na sua missão, renovando as próprias estruturas e procedimentos, ou introduzindo novos. Um caso particular é representado pelas universidades e instituições académicas, que poderão dedicar

um esforço de investigação aos temas ligados à sinodalidade, inovando assim a sua proposta de formação. Especialmente as faculdades de teologia poderão aprofundar as intuições eclesiológicas, cristológicas e pneumatológicas que as experiências e práticas sinodais levam consigo.

81. A adoção de um estilo autenticamente sinodal interpela também a vida consagrada, precisamente a partir das práticas que já acentuam a importância da participação de todos os membros na vida da comunidade de que fazem parte: *“Na vida consagrada, a sinodalidade diz respeito ao discernimento e aos processos de decisão. Os nossos institutos praticam o discernimento em comum, mas há espaços para melhorar. Ser membros de um corpo requer a participação. [...] Tanto na Igreja como na vida consagrada há o desejo difuso de um estilo de governo circular (participativo) e menos hierárquico e piramidal”* (USG/UISG).

Formação

82. A grandíssima maioria das sínteses assinala a necessidade de prever a formação para a sinodalidade. As estruturas por si mesmas não bastam: é preciso o trabalho de formação contínua que sustente uma generalizada cultura sinodal, capaz de se articular com a especificidade dos contextos locais, de modo a facilitar uma conversão sinodal no modo de exercitar a participação, a autoridade e a liderança, em vista de uma mais eficaz realização da missão comum. Não se trata simplesmente de oferecer competências técnicas ou metodológicas específicas. A formação para a sinodalidade cruza-se com todas as dimensões da vida cristã e não pode senão ser *“uma formação integral que inclua as dimensões pessoal, espiritual, teológica, social e prática. Por isso é essencial uma comunidade de referência, porque um princípio do «caminhar juntos» é a formação do coração, que transcende os saberes concretos e abraça toda a vida. É necessário incorporar na vida cristã uma formação contínua e permanente para pôr em prática a sinodalidade, amadurecer e crescer na fé, participar na vida pública, fazer crescer o amor e a participação dos fiéis na Eucaristia, assumir ministérios estáveis, exercitar uma real corresponsabilidade no governo da Igreja, dialogar com as outras Igrejas e com a sociedade para aproximar os que estão longe com espírito de fraternidade”* (CE Espanha). Esta formação deverá ser dirigida a todos os membros do Povo de Deus: *“Para a realização destes elementos de sinodalidade, são urgentes programas de educação e formação dirigidos ao clero*

e aos leigos, para desenvolver uma compreensão partilhada da sinodalidade que é crucial para poder «caminhar juntos» nas Igrejas locais” (CE Myanmar). Deste modo, a perspetiva da sinodalidade poderá fazer cruzar a catequese e a pastoral, contribuindo para mantê-las ancoradas na perspetiva da missão.

83. Vem também sublinhada a necessidade de uma formação mais específica para a escuta e o diálogo, por exemplo pela instituição de agentes e grupos para a promoção da sinodalidade. Muitas sínteses indicam a necessidade de assegurar uma formação para a sinodalidade aos que forem chamados a assumir papéis de responsabilidade, especialmente os presbíteros: “*Embora longa, a formação nos seminários está orientada a preparar o clero para um estilo de vida sacerdotal e não consegue formá-lo para a coordenação pastoral. A formação teórica e prática para a colaboração, para a escuta recíproca e para a participação conjunta na missão são essenciais na formação sacerdotal*” (CE Sri Lanka).

Espiritualidade

84. A cultura da sinodalidade, indispensável para animar as estruturas e as instituições, requer a formação adequada, mas sobretudo não pode deixar de ser nutrida pela familiaridade com o Senhor e pela capacidade de escutar a voz do Espírito: “*o discernimento espiritual deve acompanhar a planificação estratégica e o processo de decisão, de modo que todo o projeto seja acolhido e acompanhado pelo Espírito Santo*” (Igreja católica Greco-Melquita). Por isso temos necessidade de crescer numa espiritualidade sinodal. Essa não pode senão fundar-se sobre a atenção à interioridade e à consciência. “*Na espiritualidade pessoal e na mensagem da Igreja deve prevalecer a alegria de Cristo ressuscitado e não o temor de um Deus que castiga*” (CE República Checa).

85. Como já foi sublinhado diversas vezes, uma Igreja sinodal acima de tudo tem necessidade de enfrentar as muitas tensões que surgem do encontro entre as diversidades. Por isso, uma espiritualidade sinodal não poderá senão ser uma espiritualidade que acolhe as diferenças e promove a harmonia e tira das tensões a energia para prosseguir no caminho. Para tal conseguir, deverá passar da acentuação da dimensão individual para a coletiva: uma espiritualidade do «nós», que possa valorizar os contributos de cada um.

86. O primeiro ano do processo sinodal já ofereceu experiências estimulantes nesta direção, através da proposta do método da conversação espiritual, que permitiu ao Povo de Deus saborear o gosto de um encontro interpessoal à volta da Palavra de Deus e às diversificadas ressonâncias que ela suscita no coração de cada um. Para além de o tornar práxis ordinária da vida da Igreja, como é pedido por muitos, importa fazer evoluir o método na direção do discernimento comunitário, particularmente no interior dos organismos de participação. Isto comporta um esforço de maior integração da dimensão espiritual com o funcionamento das instituições e dos seus organismos de governo, articulando o discernimento com os processos de decisão. A oração e o silêncio não podem permanecer estranhos, como se se tratassem de um preâmbulo ou de um apêndice.

87. A espiritualidade cristã exprime-se de modos diversos, ligados tanto à multiplicidade de tradições entre Oriente e Ocidente, como à variedade dos carismas da vida consagrada e dos movimentos eclesiais. Uma Igreja sinodal constrói-se à volta da diversidade e o encontro entre as diferentes tradições espirituais pode ser um «ginásio» de formação, na medida em que é capaz de promover a comunhão e a harmonia, contribuindo para a ultrapassagem das polarizações que muitas Igrejas experimentam.

3.5 Vida sinodal e liturgia

88. As sínteses sublinham de muitos modos o profundo vínculo entre sinodalidade e liturgia: *“No «caminhar juntos», a oração, a devoção a Maria como discípula missionária na escuta da Palavra, a lectio divina e a celebração litúrgica inspiram o sentido de pertença”* (CE Colômbia).

Um profundo enraizamento

89. A Eucaristia é já, em si mesma, “fonte e cume” do dinamismo sinodal da Igreja. *“A celebração litúrgica e a oração são vividas como uma força de união e de mobilização das energias humanas e espirituais. É opinião prevalente que a oração favorece a alegria de viver e o sentido de comunidade, porque é vista como um ponto de referência, um lugar de força e um oásis de paz. [...] Os contributos sublinham duas modalidades a desenvolver em vista de um caminho sinodal: a unidade da comunidade e a alegria de viver. Este caminho passaria através dos*

grandes encontros litúrgicos (peregrinações...), para alimentar a piedade popular, renovar a fé, nutrir o sentimento de pertença e assim acompanhar melhor os cristãos a fim de que o testemunho do Evangelho da caridade, perante o comunitarismo e o fechamento identitário, sempre mais visíveis e agressivos” (CE Burkina Faso e Níger).

90. Em países de diversas zonas do mundo “*a ligação à Igreja de muitos batizados passa sobretudo através do fenómeno da religiosidade popular. [...] Muitas pessoas consideram-na um sinal de pertença à Igreja; por isso devemos promovê-la e evangelizá-la, em vista de uma participação mais intensa e de uma incorporação consciente na vida cristã*” (CE Panamá).

Tensões a gerir: renovação e reconciliação

91. Muitas sínteses encorajam fortemente a prática de um estilo sinodal de celebração litúrgica que permita a participação ativa de todos os fiéis no acolhimento de todas as diferenças, na valorização de todos os ministérios e no reconhecimento de todos os carismas. A escuta sinodal das Igrejas regista muitas questões a enfrentar nesta direção: a reflexão sobre uma liturgia demasiado centrada no celebrante, as modalidades de participação ativa dos leigos, o acesso das mulheres a papéis ministeriais. “*Permanecendo fiéis à tradição, à sua originalidade, antiguidade e uniformidade, procuramos tornar a celebração mais viva e participada por toda a comunidade dos crentes: sacerdotes e leigos, jovens e crianças, que leem os sinais dos tempos com sólido discernimento. Os jovens estão a tentar encontrar espaço na liturgia com os cânticos e isso é positivo*” (CE Etiópia).

92. A este respeito, a experiência das Igrejas regista também nós de conflito, que devem ser enfrentados de modo sinodal, como o discernimento da relação com os ritos pré-conciliares: “*As divisões sobre a celebração da liturgia refletiram-se nas consultas sinodais. «Infelizmente a celebração da Eucaristia é vivida também como motivo de divisão no interior da Igreja. No âmbito litúrgico, a questão mais comum é a celebração da Missa pré-conciliar». Lamentam-se as limitações ao uso do Missal de 1962; muitos consideram que as diferenças quanto ao modo de celebrar a liturgia «por vezes atingem o nível da animosidade. Pessoas que se situam tanto num como no outro lado referem que se sentem julgadas por quem tem uma opinião diversa»*” (CE USA). A Eucaristia,

sacramento da unidade no amor em Cristo, não pode tornar-se motivo de confronto ideológico, fratura ou divisão. Além disso, com incidência direta na vida de muitas Igrejas, existem elementos específicos de tensão no âmbito ecuménico, como por exemplo a partilha da Eucaristia. Por fim, existem problemas relativos às modalidades de inculturação da fé e do diálogo inter-religioso que afetam também as formas da celebração e da oração.

93. As sínteses não omitem pôr em relevo também os limites principais da práxis celebrativa, que obscurecem a eficácia sinodal. Vêm sublinhados especialmente: o protagonismo litúrgico do sacerdote e a passividade dos participantes; a distância entre a pregação da beleza da fé e a sua concretização na vida; a separação entre a vida litúrgica da assembleia e a rede familiar da comunidade. A qualidade das homilias é assinalada, quase unanimemente, como um problema: são desejadas *“homilias mais profundas, centradas no Evangelho e nas leituras do dia, e não sobre política, que usem uma linguagem acessível e atraente e façam referência à vida dos fiéis”* (Igreja Maronita).

94. Particular fonte de sofrimento são todas as situações em que o acesso à Eucaristia e aos outros Sacramentos é obstáculo ou impedimento devido a uma diversidade de causas: é forte o pedido de encontrar soluções para estas formas de privação sacramental. Citam-se por exemplo as comunidades que vivem em zonas mais remotas, o uso de pôr tarifas para o acesso às celebrações, que discrimina os mais pobres. Muitas sínteses dão voz à dor de não poder aceder aos Sacramentos que experimentam os divorciados recasados e os que contraíram um casamento poligâmico. Não há unanimidade no modo como enfrentar estas situações: *“Vem negada a possibilidade de receber a santa Comunhão aos divorciados recasados, que exprimem dor por esta exclusão. Alguns consideram que a Igreja deveria ser mais flexível, enquanto outros pensam que esta práxis deve ser mantida”* (CE Malásia).

Celebrar em estilo sinodal

95. Ao mesmo tempo, o processo sinodal representou a oportunidade de exprimir novamente a diversidade nas formas de oração e celebração, fazendo crescer o desejo de as tornar mais acessíveis na vida ordinária das comunidades. A síntese francesa dá voz a três aspirações: *“a primeira [...] diz respeito à diversificação das liturgias em benefício das celebrações da Palavra, isto é,*

momentos de oração que põem no centro a meditação de textos bíblicos. A segunda, menos frequente, recorda a importância das peregrinações e da piedade popular. A terceira augura uma formação litúrgica renovada, para enfrentar um problema assinalado em muitas sínteses, isto é, a incompreensibilidade da linguagem usada pela Igreja” (CE França). Algumas regiões levantam a questão da reforma da liturgia, também nas Igrejas Orientais, que está profundamente ligada à identidade da Igreja: *“Na nossa Igreja é oportuna uma reforma litúrgica, de modo a reter à luz do Espírito Santo a ação e a participação do Povo de Deus na obra de Deus no nosso tempo”* (Igreja Greco-Melquita).

96. Muitas Igrejas sublinham também a importância de tornar habituais os laços da celebração verdadeira e própria com as diversas formas de partilha dialógica e de convivência fraterna. *“A convivialidade e a fraternidade fazem sempre parte da experiência [dos encontros sinodais]. Em cada encontro, desde o inicial até às sucessivas consultas nas paróquias e estruturas pastorais, houve o salu-salo (partilha do alimento). Muitos sublinharam como os encontros [sinodais] influíram positivamente na celebração das liturgias”* (CE Filipinas).

97. A variedade das tradições rituais da oração litúrgica, como também das formas simbólicas com que se exprimem as diversas culturas, é considerada por todos uma riqueza. Um renovado amor pela espiritualidade e o compromisso por cuidar da beleza e do estilo sinodal da celebração sustentam a irradiação de uma Igreja missionária: *“Todos os contributos recebidos falam das celebrações como de espaços que podem oferecer inspiração e ajudar a viver a fé na vida pessoal, familiar, profissional, no bairro e na própria comunidade”* (CE Uruguai).

4. Os próximos passos

98. Olhar para o futuro do processo sinodal requer tomar em consideração dois horizontes temporais bastante diversos. O primeiro é o horizonte a longo prazo, em que a sinodalidade toma uma forma perene de chamada à conversão e à reforma da Igreja. O segundo, claramente ao serviço do primeiro, é o que concentra a nossa atenção sobre os encontros da Etapa Continental que estamos a viver.

4.1 Um caminho de conversão e reforma

99. Nas sínteses, o Povo de Deus exprime o desejo de ser menos uma Igreja de manutenção e conservação, e mais uma Igreja que sai em missão. Sobressai uma ligação entre aprofundamento da comunhão através da participação e o reforçar do compromisso pela missão. A sinodalidade conduz a uma renovação missionária. Como diz a síntese da Espanha: *“consideramos que a comunhão deve conduzir a um estado de missão permanente: encontrar-nos, escutar, dialogar, refletir, discernir em conjunto são ações com um efeito positivo em si, mas não se compreendem senão em vista do objetivo de nos impelir a sair de nós mesmos e das nossas comunidades de referência para realizar a missão que nos é confiada como Igreja”* (CE Espanha).

100. O Povo de Deus experimentou a alegria de caminhar em conjunto e o desejo de continuar a fazê-lo. O modo de o conseguir como comunidade católica verdadeiramente global é algo que ocorre ainda descobrir completamente: *“Caminhar de modo sinodal, escutando-nos reciprocamente, participando na missão e comprometendo-nos no diálogo, tem provavelmente uma dimensão de «já mas ainda não»: está presente, mas há ainda muito a fazer. Os leigos são capazes, cheios de talentos e dispostos a contribuir sempre mais, contanto que lhes sejam dadas oportunidades para o fazer. Ulteriores sondagens e estudos a nível paroquial podem abrir outros caminhos em que o contributo dos leigos pode ser imenso e o resultado seria uma Igreja mais vibrante e florescente, que é o objetivo da sinodalidade”* (CE Namíbia). Somos uma Igreja que aprende, e para o fazer temos necessidade de um contínuo discernimento que nos ajude a ler a Palavra de Deus e os sinais dos tempos, de modo a seguir na direção que o Espírito Santo nos indica.

101. Ao mesmo tempo, caminhar juntos como Povo de Deus requer reconhecer a necessidade de uma contínua conversão, individual e comunitária. No plano institucional e pastoral, esta conversão traduz-se também numa contínua reforma da Igreja, das suas estruturas e do seu estilo, na esteira do impulso ao «aggiornamento» contínuo, herança preciosa do Concílio Vaticano II, o qual somos chamados a ter em vista, enquanto celebramos o seu 60.º aniversário.

102. No caminho de conversão e de reforma sustentam-nos os dons que recebemos ao longo do primeiro ano do processo sinodal, a partir da contemplação de quanto Jesus continuamente nos mostra nos Evangelhos: a atenção gratuita e livre em relação ao outro, que está na base da escuta, não é um recurso escasso a guardar ciosamente, mas uma fonte transbordante que não se esgota, mas que cresce quanto mais dela tiramos. A escuta e o diálogo são o caminho para aceder aos dons que o Espírito nos oferece através da multiforme variedade da única Igreja: carismas, vocações, talentos, capacidades, línguas e culturas, tradições espirituais e teológicas, formas diversas de celebrar e de agradecer. As sínteses não apelam à uniformidade, mas pedem que se aprenda a crescer numa sincera harmonia, que ajude os crentes a desempenhar a sua missão no mundo criando os laços necessários para caminhar juntos com alegria.

103. A mensagem do Sínodo é simples: estamos a aprender a caminhar juntos e a sentar-nos juntos para partir o único pão, de modo que cada um possa encontrar o seu lugar. Todos são chamados a tomar parte desta viagem, ninguém é excluído. A isto nos sentimos chamados para poder anunciar credivelmente a todos os povos o Evangelho de Cristo. É esta a estrada que procuramos continuar a percorrer também na Etapa Continental.

4.2 Metodologia para a Etapa Continental

104. Este Documento para a Etapa Continental (DEC) convida a dar um passo ulterior nesta viagem espiritual “*para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*” e constitui o seu ponto de referência: “*Como a experiência dos discípulos de Emaús, foi somente o início da sua nova missão, assim o nosso processo sinodal é só um primeiro passo*” (CE Federação Russa). O âmbito continental constitui uma oportunidade para viver a sinodalidade, que ainda estamos aprendendo a assumir e que somos agora enviados a praticar concretamente.

105. O DEC, que recolhe e restitui às Igrejas locais quanto o Povo de Deus do mundo inteiro disse no primeiro ano do Sínodo, tem por finalidade guiar-nos e permitir-nos aprofundar o discernimento, tendo presente a interrogação de fundo que anima todo o processo: “*Como se realiza hoje, a diversos níveis (desde o local até ao universal), aquele «caminhar juntos» que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada? E quais os passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?*” (DP n. 2).

106. O DEC é assim o instrumento privilegiado, através do qual na Etapa Continental se pode realizar o diálogo das Igrejas locais entre elas e com a Igreja universal. Para levar por diante este processo de escuta, diálogo e discernimento, a reflexão centrar-se-á à volta de três interrogações:

- “Depois de ter lido o DEC em ambiente de oração, quais **intuições** ecoam, de modo mais intenso, com as experiências e as realidades concretas da Igreja do vosso continente? Quais as experiências vos aparecem novas ou iluminadoras?”.
- “Depois de ter lido o DEC e fazer uma pausa em oração, quais tensões ou divergências substanciais surgem como particularmente importantes na perspetiva do vosso continente? Consequentemente, quais são as **questões ou interrogações** que deveriam ser enfrentadas e tomadas em consideração nas próximas fases do processo?”.
- “Olhando para aquilo que emerge das duas perguntas precedentes, quais são **as prioridades, os temas recorrentes e os apelos à ação** que podem ser partilhados com outras Igrejas locais no mundo e discutidos durante a Primeira Sessão da Assembleia sinodal em outubro de 2023?”.

Fases chave do processo

107. Cada Assembleia Continental é chamada a pôr em ação um processo de discernimento sobre o DEC que resulte apropriado ao seu contexto local, e redigir um Documento Final que disso dê conta. Os Documentos Finais das sete Assembleias Continentais serão utilizados como base para a elaboração do *Instrumentum laboris*, que será concluído até junho de 2023.

108. A grande maioria das Conferências Episcopais, consultadas pela Secretaria Geral do Sínodo, deseja que os representantes de todo o Povo de Deus sejam envolvidos na Etapa Continental. É por isso que se pede que todas as

Assembleias sejam eclesiais e não apenas episcopais, assegurando que a sua composição represente adequadamente a variedade do Povo de Deus: bispos, sacerdotes, diáconos, consagrados e consagradas, leigos e leigas. No que diz respeito aos participantes nas Assembleias Continentais, é importante prestar especial atenção à presença adequada de mulheres e jovens (leigos e leigas, consagrados e consagradas em formação, seminaristas); pessoas que vivem em condições de pobreza ou marginalização, e aqueles que têm contacto direto com elas; delegados fraternos de outras denominações cristãs; representantes de outras religiões e tradições de fé e algumas pessoas sem filiação religiosa. Os bispos são também convidados a encontrar-se uns com os outros no final das Assembleias Continentais, a fim de reexaminar colegialmente a experiência sinodal vivida a partir do seu carisma e papel específicos. Em particular, os bispos são convidados a individuar modalidades apropriadas para desempenhar o seu papel de convalidação e aprovação do Documento Final, assegurando que seja o fruto de um processo autenticamente sinodal, respeitador do processo que se seguiu e fiel às diversas vozes do Povo de Deus em cada continente.

109. O processo que conduz à publicação do presente DEC à redação do *Instrumentum laboris* será marcado pelos seguintes passos:

- 1) O DEC será enviado a todos os bispos diocesanos; cada um, juntamente com a equipa sinodal diocesana que coordenou a primeira fase, proverá a organizar um processo eclesial de discernimento sobre o DEC, a partir das três perguntas acima indicada no n. 106. Cada Igreja local terá assim a possibilidade de se pôr à escuta da voz de outras Igrejas, recolhidas no DEC, e de dar resposta a partir da própria experiência.
- 2) Com o envolvimento da própria equipa sinodal, cada Conferência Episcopal tem a tarefa de recolher e sintetizar, na forma mais apropriada ao seu contexto, as reflexões acerca das três perguntas vindas das diversas Dioceses.
- 3) A reflexão e o discernimento de cada de cada Conferência Episcopal serão depois partilhadas no interior da Assembleia Continental, segundo as modalidades individuadas pela *Task Force* continental.
- 4) Ao programar o desenrolar de cada específica Assembleia Continental, poderá ser útil refletir sobre como usar o método difundido e muito apreciado da conversação espiritual (cf. *Vademecum*, Apêndice B, n.

- 8), que pode facilitar o envolvimento de todos no discernimento. São valorizadas especialmente as suas três fases: o tomar a palavra por parte de cada um dos participantes, a ressonância da escuta dos outros e o discernimento dos frutos por parte do grupo.
- 5) Cada Assembleia Continental redigirá o próprio Documento Final de cerca de vinte páginas, confrontando-se com as três perguntas a partir do próprio documento específico. Os Documentos Finais deverão ser transmitidos por cada uma das *Task Force* continentais à Secretaria do Sínodo, até 31 de março de 2023. Sobre a base dos Documentos Finais das Assembleias Continentais, até junho de 2023 será redigido o *Instrumentum laboris*.